

Mas na prática, os únicos capazes de causar dano real eram os projéteis de urânio empobrecido da moça Ratling e a espingarda explosiva ou o fusor térmico do Roland. As armas dos outros no máximo riscavam a resistente cerâmica de aço. Muita gente esquece que Khorne não é só o deus da guerra e da fúria, mas também da forja e da coragem. A armadura dos campeões de Khorne era forjada além de qualquer comparação — uma segunda pele ligada à carne, melhor que qualquer armadura de poder deste mundo, fundida ao corpo do usuário e oferecendo defesa inigualável. Até mesmo armas abençoadas por um Santo Vivo tinham dificuldade em perfurá-la. Seus ataques serviam mais para atrair a atenção de Kossolax, que agora sacudia Taylor pelo braço com tanta força que ele sentia seus ossos desmontarem. — Caralho, vocês tão de sacanagem?! — ele gritou, enfurecido, antes de disparar sua pistola de plasma contra Kossolax à queima-roupa. No calor do momento, Taylor esqueceu de dois pequenos detalhes: primeiro, que a arma esquentava pra cacete, e segundo, que o plasma respingava — as faíscas azuis quase queimaram seu rosto, mas, por sorte, ele escapou ileso. Kossolax, forçado a soltá-lo, revirou o braço, agora marcado por cicatrizes de plasma. Mas nem o plasma, nem os penetradores de urânio foram capazes de perfurar totalmente sua armadura. Lâminas e motosserras também não adiantavam, e o fusor térmico, a única ameaça real, estava sob vigilância constante, impedindo qualquer aproximação. Taylor já pensava em recuar — é melhor um passo atrás hoje para voltar amanhã —, mas Kossolax não deixaria escapar. O guerreiro estava enlouquecido, determinado a massacrar todos em nome de seu deus. Taylor arreganhou os dentes. Se desse um passo para trás, Kossolax avançaria feito um louco, disposto a arrastá-lo para a morte junto. — Que honra pra um peão como eu... Com um berro, ele partiu para cima, atacando sem pensar. Kossolax riu, como se fosse exatamente o que queria. Ergueu sua espada, pronto para partir ao meio aquela "porcaria feita de pernas de inseto" — estava absolutamente confiante. Mas, ao levantar a arma, viu o brilho do fusor térmico na mão de Roland. Rapidamente, apontou sua pistola explosiva e disparou, irritado. — Esses vermes não entendem nada de honra em combate... Como um Astartes, ele poderia facilmente dividir sua atenção: Taylor seria cortado ao meio enquanto o atirador morria com um tiro. Ele já via a cena em sua mente. O que ele não viu foi a Ratling. Como era típico de sua espécie, ela era pequena, discreta, fácil de ignorar — um padrão na longa história do Império. Seus passos furtivos, seu corpo diminuto e sua pele acinzentada a tornavam quase invisível. Até que um projétil de urânio perfurou a pistola de Kossolax. A arma explodiu em seus dedos, deixando sua mão ensanguentada. — Merda! — ele pensou, finalmente percebendo a atiradora. Mas já era tarde. O fusor térmico de Roland brilhava cada vez mais perto. Kossolax tentou desviar. Falhou. Quando Roland puxou o gatilho, um terço de seu corpo simplesmente evaporou. Braço, ombro, metade do torso... só a cabeça e as pernas ainda estavam intactas. Sua armadura, abençoada por Khorne, revelou sua natureza — o metal fundido à carne pulsando sob veias expostas e músculos carbonizados. Taylor quase vomitou o jantar da noite passada. Mas Kossolax não estava morto. Pelo contrário, ainda se movia, enfiando sua espada no corpo de Taylor, justo pela ferida deixada pelo Cavaleiro Cinzento. O golpe ativou os últimos resquícios de poder psíquico da armadura. Pela primeira vez, o rosto mutilado sob o capacete destruído de Kossolax demonstrou dor. Ele gritou. Mas não de medo — um servo de Khorne nunca temeria a morte, sabendo que seu espírito se tornaria um demônio, condenado à guerra eterna. Só a frustração de cair nas mãos de um mortal. Com a mão arruinada, ele tentou esmagar a garganta de Taylor. Aquele pescoço, que antes quebraria com um aperto, agora parecia tão distante... Taylor, em pânico, golpeava freneticamente o corpo ensanguentado. Enquanto o cheiro de ferro enchia o ar, o gigante finalmente caiu. Ofegante, Taylor arrancou o capacete do cadáver e, erguendo-o, gritou para os Astartes do Caos que ainda avançavam: — Eu venci! --- Capítulo 117: O Poder de um Santo Vivo — Que desastre... — Taylor observou os Astartes recuando, avaliando o cenário. A fortaleza estava destruída, os guerreiros do Caos haviam invadido... Se não fosse por ele ter derrotado o campeão, as coisas estariam feias. Mesmo com as asas de um Santo Vivo sobre um mortal, havia limites que não podiam ser superados. Agora, todos celebravam seu feito: matar um campeão do Caos era algo que poucos leais ao Imperador conseguiam. Mas Taylor só conseguia olhar para o portal demoníaco à distância. Um anjo dourado circulava os céus enquanto demônios rugiam. Dois Arquidemônios — não, um anjo e um

Arquiemonho — lutavam com fúria suficiente para rachar montanhas. Aquilo estava além de qualquer mortal. Latrelliana, a Ratling, erguia sua espada flamejante, forjada pelo poder psíquico, e golpeava o grande demônio de Khorne. O fogo divino do Imperador queimava onde as chamas normais falhavam. Cada golpe deixava marcas profundas, mas mesmo assim, a criatura resistia, usando seu corpo imenso para impedir que a Santa fechasse o portal. Era a primeira vez que Taylor sentia medo diante de um Arquidemônio. — Caralho... ele é forte assim?! Taylor ficou pensando consigo mesmo se também poderia tentar se tornar um santo vivo. Mas se fosse para se sacrificar pelo Império, ele provavelmente nunca teria coragem. Enquanto isso, um grande número de demônios estava sendo contido pelos Cavaleiros Cinzentos e pelas Irmãs de Batalha. Principalmente essas últimas — com o poder avassalador de sua santa viva, aquelas mulheres fanáticas agora se transformaram em verdadeiras máquinas de esmagar hereges. Elas agiam como uma foice gigantesca e implacável, cortando, torcendo e esmagando, banindo um demônio após o outro. Já os Cavaleiros Cinzentos eram como punhais afiados, mirando direto no coração dos demônios mais poderosos — como os motores demoníacos de Khorne ou outras criaturas ainda mais horrendas. Parte da Guarda Imperial também se juntou à ofensiva. Sob a luz da santa, até mesmo as armas primitivas dos mortais se tornaram letais contra os demônios. O rugido dos raios laser ecoou como o próprio castigo do Imperador, aniquilando os invasores infernais. Os disparos perfuravam os corpos dos sangues-de-sombra vermelhos, enquanto Taylor aproveitava para devorar o sanduíche que tanto queria. Observando o campo de batalha, ele achou que a situação estava sob controle e já estava quase celebrando antecipadamente. Até que, depois de uma batalha prolongada, os demônios conseguiram trazer uma criatura monstruosa para fora do portal infernal. Taylor reconheceu aquele ser na hora... — Skarbrand, o Grande Demônio de Khorne! Ele havia desafiado seu próprio mestre um dia, e o Deus do Sangue o havia punido terrivelmente. Um dos seus chifres de bode havia sido arrancado, metade de seu rosto estava carbonizado até o osso, e suas asas mutiladas eram mantidas unidas apenas por correntes de ferro. Suas duas machados de guerra, encharcados de sangue demoníaco, haviam se transformado em armas grotescas para seu senhor. Mesmo assim, aquelas lâminas ainda conseguiam deixar uma marca em Khorne — mesmo que fosse apenas um arranhão em sua armadura. Taylor não pôde evitar uma admiração gelada. Era a primeira vez que via algo tão poderoso. Em termos de força pura, aquela criatura poderia rivalizar com um Titã de Guerra. Ele largou o sanduíche e ordenou que os soldados atirassem naquela coisa. Mas Skarbrand nem sequer se importou. As armas dos mortais eram incapazes de romper sua defesa — essa era a origem de seu orgulho e fúria. Erguendo seu machado, o Grande Demônio apontou para Lethrina e rugiu: — Suja! Tola! Seus atos insultaram os Deuses, meu pai, meu senhor! — Minha... Antes que pudesse terminar, Lethrina — sem a menor consideração por duelos justos — mergulhou do céu como um relâmpago dourado, sua espada brilhante perfurando o ar como uma lança. Na visão de Taylor, aquilo parecia mais poderoso do que qualquer bomba ou canhão que ele já tinha visto. Até mesmo mais impressionante que o disparo principal de uma nave de guerra! Aquela era a força do Imperador. Taylor tinha a estranha sensação de que o próprio Deus-Humano estava ainda mais poderoso agora do que em seus dias na Terra. Enquanto se divertia com o espetáculo, imaginando coisas, Taylor viu Skarbrand levando uma surra da "artilharia santa" de Lethrina. Mas ele não percebeu um Touro de Aço — um pequeno motor demoníaco — se aproximando. Sua cobertura foi destruída pela criatura de metal vermelha, e só não acabou pior porque Roland atirou com seu fusil térmico a tempo. Mas o pior foi que ele acabou perdendo o final da luta contra o Grande Demônio. Quando olhou de novo, Lethrina já estava segurando a cabeça de Skarbrand e o empurrando de volta para o portal infernal. — Que droga... — ele resmungou, tentando se consolar pensando que mesmo se visse, provavelmente não entenderia direito. Mas ainda era uma pena perder a chance de presenciar uma santa viva enfrentando o maior dos demônios de Khorne. Sem bilhetes ou arquivos poderiam reproduzir algo assim! Virando-se para os outros, ele perguntou animado: — Vocês viram? A santa acabou com o Skarbrand! Uma das irmãs de Lethrina confirmou com a cabeça e perguntou: — Chefe, como você sabia o nome daquele gigante vermelho? Taylor engasgou. — Ah, eu... trabalho para a Inquisição, claro que já li sobre essas coisas. Foi nesse momento que o líder dos Cavaleiros

Cinzentos, que havia se aproximado para proteger os civis, ouviu a conversa. Taylor ficou em alerta imediatamente, olhando para o cavaleiro com uma expressão preocupada. O guerreiro de armadura prateada falou friamente: — Você está cavando a própria cova. Recomendo escolher melhor suas palavras. Por acaso, desliguei meu comunicador e gravador agora mesmo. Taylor tossiu e mudou rapidamente de assunto: — Que Brand? Não, eu disse... Castelan! Aqueles motores demoníacos estão mesmo contidos? O Cavaleiro Cinzento suspirou baixo. Foi então que a mão imaculada de Lethrina — ainda pingando sangue do Grande Demônio — tocou seu ombro. Ela disse suavemente: — Não se preocupe, Martelo do Imperador. Eu garanto com minha própria alma a pureza do Sr. Taylor. O Cavaleiro olhou para Taylor como se estivesse a um passo de mandá-lo para a fogueira, mas acabou respondendo: — Como desejar, Senhora Lethrina. Ele partiu com seus irmãos de armas. Enquanto isso, o portal infernal já estava fechado, e o brilho ao redor de Lethrina havia diminuído bastante. A batalha prolongada a desgastara. Dobrando suas asas, ela agora parecia apenas uma freira de cabelos prateados e pele luminosa — muito diferente da criatura radiante que havia esmagado um dos maiores demônios do Caos. Taylor coçou o nariz, sem saber como agir diante de uma figura tão importante. Mas foi Lethrina quem quebrou o silêncio: — Eu é que não sei como agradecer-lo. Você ganhou a dívida de uma santa. Deveria estar feliz. Aquela frase tinha um peso imenso. Ter a promessa de ajuda de uma santa viva era algo que incontáveis soldados do Império desejariam até o último suspiro.

<http://portnovel.com/book/29/4856>